

EVA, PANDORA E A CRIAÇÃO DA MULHER NAS CULTURAS JUDAICO-CRISTÃ E GREGA: UMA LEITURA COMPARADA

Eva, Pandora and the Creation of Women in Judeo-Christian and Greek Cultures: A Comparative Reading

DOI: 10.14393/LL63-v40-2024-49

Mara Cleia Barbosa de Farias Silvério*

Dolores Puga**

RESUMO: A figura feminina é um dos aspectos mais explorados na literatura, e em diversas culturas sua origem está envolta em uma névoa: Eva, Pandora, Saravasti, Embla, diversas são as possibilidades a depender do local onde você procure. Neste artigo, são tecidas considerações acerca de Eva, a primeira mulher criada segundo a visão judaico-cristã, tendo como fonte bibliográfica principal a Bíblia Sagrada, especificamente os capítulos 1, 2 e 3 do livro de Gênesis; e Pandora, a primeira mulher criada segundo a visão grega, usando como principais fontes bibliográficas duas obras de Hesíodo: *Teogonia*; e *Os trabalhos e os dias*. O objetivo deste artigo não é fazer juízo de valor quanto às origens femininas narradas por ambos os povos, mas tecer comparações, verificando suas semelhanças e suas diferenças, considerando o pensamento formulado por Marcel Detiene, em “Comparar o Incomparável”.

PALAVRAS-CHAVE: Figura feminina. Literatura. Mitologias. Judaico-cristianismo. Gregos.

ABSTRACT: The female figure is one of the most explored aspects in literature, and in several cultures its origin is shrouded in mist: Eve, Pandora, Saravasti, Embla, there are several possibilities depending on where one looks for. In this article, considerations are made about both Eve (the first woman created according to the Judeo-Christian vision, by using the Holy Bible as its main bibliographic source, specifically chapters 1, 2 and 3 of the book of Genesis) and Pandora (the first woman created according to the Greek vision, by using as main bibliographical sources two works by Hesiod: *Theogony*, and *Works and days*). The objective is not to make a value judgment regarding the feminine origins narrated by both peoples, but to make comparisons, verifying their similarities and differences, in considering by Marcel Detiene’s thought formulated in “Comparar o Incomparável”.

KEYWORDS: Female figure. Literature. Mythologies. Judeo-Christianity. Greeks.

* Mestranda em Letras na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). ORCID: 0000-0002-7893-0182. E-mail: mara.cleia(AT)ufms.br.

** Doutora em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus de Três Lagoas* (UFMS/CPTL) e Docente Associada do curso de História da mesma instituição e campus. ORCID: 0000-0003-4013-5375. E-: dolores.puga(AT)ufms.br.

1 Introdução

Eva, Pandora, Saravasti, Embla, nomes diferentes, iguais funções: a de carregar, para si, o título de primeira mulher³ a ser criada no universo. Assim como as religiões consideradas pagãs pela tradição judaico-cristã, os escritos bíblicos preservaram os relatos das origens, formulando um “mito da criação”, tal quais os povos da região mesopotâmica faziam. Segundo Armending *et al.*, (2009, p. 5), a inclusão dos relatos criacionistas foi feita como forma de oposição aos relatos das religiões pagãs.

Em contrapartida, os relatos feitos e cantados pelos poetas gregos revelam uma vasta gama cultural de sua sociedade e formam o imaginário da nação ali constituída. Tais narrações em forma de cânticos se propõem a explicar a origem dos deuses, do universo e, até mesmo, da mulher.

É com base nesse arcabouço teórico que neste artigo nos propusemos a analisar, sob o viés da literatura comparada, os afastamentos e as aproximações entre dois grandes textos narrativos, não grandes por sua extensão, mas por sua significação e importância no decurso dos séculos: a narrativa bíblica acerca de Eva e a narrativa mitológica grega acerca de Pandora.

2 Eva e a formação da primeira mulher para a cultura judaico-cristã

2.1 O contexto de *Gênesis*

A narração sobre Eva, primeira mulher criada segundo os dogmas cristãos, está localizada na Bíblia Sagrada. Como o próprio nome sugere, “bíblia” é um compêndio de vários livros, no qual se encontra, dentre eles, o livro de *Gênesis* — este que relata a criação do universo, do Éden, e dos seres humanos. *Gênesis* vem do hebraico *bereshith*, e significa *no princípio*. Além disso, o livro está arrolado ao chamado *Pentateuco bíblico*, isto é, aos primeiros 5 livros da Bíblia Sagrada. Segundo se sabe, o título *Gênesis* aparece pela primeira vez na LXX da tradução grega do Antigo Testamento (AT).

Quanto à sua autoria, não há uma declaração explícita como aparece em outros livros bíblicos (caso de Romanos; 1 e 2 aos Coríntios; 1 e 2 a Timoteo; 1 e 2 de Pedro; Tiago etc.), mas a tradição considera Moisés o autor do livro, sendo que esse entendimento é compartilhado pelo Novo Testamento (NT). Dentre os motivos para considerar essa afirmação verdadeira, está

o fato de que o livro é repleto de informações sobre a geografia egípcia, local onde Moisés cresceu e foi educado.

Já em relação à sua datação, as fontes são inseguras em precisar o período no qual o livro estaria inserido; alguns comentadores⁵ reafirmam sua imprecisão, constatando as narrações relativas à criação, ao dilúvio e ao repovoamento da terra (que vão do capítulo 1 a 11) como impossíveis de ser datadas. Outros autores, como John MacArthur, precisam que a história narrada compreenderia a criação (com data imprecisa) até os anos 2.090 a.C., sendo este o livro que mais abarca períodos histórico-temporais em toda a bíblia segundo o pesquisador.

Afirmam outros estudiosos, contudo, que o restante dos acontecimentos apresentados aponta para a Idade do Bronze Médio (1950-1550 a.C.). Embora os acontecimentos dos primeiros capítulos de *Gênesis* não possam ter sua data estimada, a escrita dessa narração pode. Segundo Patterson (2009, p. 3), o livro teria sido escrito no final do século XV a.C., entre os anos 1446 e 1406 a.C., período assinalado também por Armending *et al.*, (2009) e MacArthur (2010).

Em conformidade com a Armending *et al.* (2009, p. 3), seu contexto é bastante diversificado tendo:

[...] uma extensão ampla, visto que o livro começa com a criação e termina com um pequeno, mas crescente, número de descendentes de Jacó, posteriormente chamado de Israel, que se estabeleceu na privilegiada terra do Delta do Nilo, no Egito. Em meio a isso, o foco da ação se concentra em todo o Crescente Fértil, vindo do dilúvio universal (que terminou nas montanhas de Ararate) e a Torre de Babel (na terra de Sinar) até as viagens de Abraão pelas terras de Canaã.

O objetivo do livro em que se encontra o relato da criação de Eva propõe-se a responder às seguintes questões: Quem somos? De onde viemos? E, para responder a esses questionamentos, centraliza sua narração no Deus judaico-cristão como único criador, o qual aparece a um povo previamente escolhido por ele, a fim de guiar esse mesmo povo a uma Terra Prometida, local este repleto de ídolos e ícones de outras religiões já existentes. Nesse sentido, os relatos criacionistas desempenham um papel fundamental à medida que apresenta esse Deus dando forma a tudo o que existe e, por conseguinte, sendo digno de todos os esforços empreendidos pelo povo na tentativa de obedecê-lo, embora muitas vezes esses esforços

tenham falhado pela ação do pecado, consequência da desobediência de Eva e de Adão (Armending *et al.*, 2009, p. 6).

As características literárias desse livro reforçam a mensagem explicitada. A primeira parte é relativa à história da criação (1.1-2.3) e contempla relatos sobre a ação divina criadora. De acordo com os estudos de Patterson (2009, p. 3):

As ações criadoras do primeiro e do quarto dias formam um paralelo, visto que no primeiro dia Deus criou a luz e as trevas, enquanto no quarto dia criou o sol e a lua para governar os períodos de luz e de escuridão. No segundo dia, o firmamento dividiu as águas; no quinto dia, os habitantes do céu e das águas foram criados. No terceiro dia, a terra firme, e a vegetação surgiram. No sexto dia, os habitantes da terra foram criados para se alimentar da vegetação.

Além disso, vários temas são trabalhados em conjunto nessa narrativa. Dentre os principais, podemos elencar: a soberania do Deus judaico-cristão, pois ele primeiro é apresentado como o criador supremo e governante soberano, cujo poder ecoa por todo o *Gênesis*. Ademais, aparecem outros temas como o da aliança (*berith*) que ele faz com seu povo: primeiro com Adão, no Jardim do Éden (Gn. 2.16-17); depois com Noé (Gn. 9.9); com Abraão (Gn. 12.1-3); com Isaque (Gn. 26.2-5) e, por fim, com Jacó (Gn. 28.13-15).

O tema da redenção por intermédio da graça e misericórdia divinas também está presente já no início, quando o Deus mata o cordeiro para vestir o homem e a mulher que transgrediram sua lei e também ao afirmar que um descendente da mulher esmagaria a descendência da serpente (Gn. 3. 14-15). Na visão exposta por Patterson (2009) e MacArthur (2010, p. 15-16), todos esses relatos compõem uma estrutura que evidenciaria o plano do Deus e o controle que este passa a exercer sobre a criação.

2.2 A criação e a desobediência de Eva

“No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas” (Gn. 1. 1-2). Assim é que se inicia o grande relato da criação universal da religião judaico-cristã. Deus teria contemplado uma espécie de abismo e a partir desse nada resolveu criar todas as coisas que existem.

Após o relato da criação de forma geral (céu, terra, dia, noite, animais, homem etc.), Eva, a “mãe de todos”, aparece, ainda sem nome, sendo retirada da costela do único ser

humano criado até então: Adão. É interessante notar que após criar e dar vida a cada um dos elementos, o autor, possivelmente Moisés, frisa a percepção divina sobre os feitos realizados: “E viu Deus que isso era bom” (Gn. 1.10; 12; 18; 25); mas ao se referir à totalidade das coisas criadas, o seu conjunto, a coletividade, frisa: “E viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era **muito bom**” (Gn. 1.31); o que, segundo alguns estudiosos, pode configurar o homem como uma espécie de “coroa da criação”, ideia também amparada pelo Novo Testamento (1 Co. 11.7) e pelos estudos de MacArthur (2010, p. 15).

Corroborando essa ideia, Silva e Andrade (2009, p. 334) também sublinham

[...] que dentro da lógica do texto em estudo, a criação da mulher não é um castigo, mas um bem. Sendo feita por Deus, a origem de todo o bem, ela não poderia ser um mal. Essa ideia é reforçada no fato do texto português optar por manter o nome Virago dado à mulher por Adão. Segundo Cláudio Moreno (2006), —etimologicamente virago nunca foi um feminino genérico de varão, que pudesse ser aplicado a qualquer mulher. Esse termo, derivado do latim *vir*, originariamente significava “mulher semelhante ao homem e, portanto, forte, destemida, heróica”, e era usado para denominar mulheres heroínas. Logo, o seu uso no texto figura para qualificar a mulher positivamente, porque proveniente do homem e, portanto, semelhante a ele.

Assim, junto ao homem, feita à imagem e semelhança de Deus (Gn. 1.26-27), Eva seria a coroa da criação divina, maravilhosamente esculpida pela mão dessa espécie de arquiteto primordial. Na visão de John MacArthur, “Eva era um aperfeiçoamento da própria humanidade”, por ter sido criada por último e de um material superior ao pó da terra, o próprio corpo humano (2022, p. 23). Isso porque Eva não foi, como Adão, criada pelas mãos de Deus a partir do pó da terra, mas a partir de uma das costelas do varão, do homem.

Desse modo, subentende-se que Adão teria passado por uma espécie de procedimento cirúrgico divino, sua anestesia não seria feita pelos modos convencionais, mas por meio de um sono profundo no qual teria caído; o lado de seu corpo foi aberto e uma costela cuidadosamente retirada; depois, a incisão foi novamente fechada (Gn. 2.18-22).

Após a “cirurgia” realizada, Adão se maravilha ao vislumbrar a obra que está diante de seus olhos: “Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada” (Gn. 2.23). A construção “esta, afinal” complementa a ideia central dos versículos anteriores (Gn. 2. 20), relativa à nomeação dos animais por Adão e a importante afirmação de que para o homem “não se achava uma auxiliadora idônea”, isto é,

dentre os animais cada qual tinha seu correspondente, mas o homem não contava com um par, problema solucionado posteriormente e cuja resolução gerou grande alegria para Adão que agora não ficaria mais sozinho.

No entanto, a narrativa continua e reveses começam a aparecer. Deus dá ao homem, Adão, uma ordem aparentemente pronunciada antes da criação de Eva, portanto esta não a escuta do próprio soberano, e sim por intermédio de seu esposo. A regra era bastante clara: ambos estavam colocados dentro de um magnânimo jardim, e tinham à sua disposição um extenso pomar com as árvores das mais diversas, muito belas à vista e saborosas. De todos os frutos de todas as árvores os humanos poderiam comer, menos os de uma única árvore, a *Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal* (Gn. 2.16-17).

Posteriormente, aparece em cena a serpente, famosa por sua astúcia. Esta incita Eva à desobediência. É perceptível a manipulação linguística que a personagem utiliza para engendrar Eva ao caminho da aparente perdição eterna: “É assim que Deus disse: Não comerei de toda árvore do jardim?”; A mulher, no entanto, a responde: “Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais” (Gn. 3.1-3). A ordem de Deus não contemplava “não tocar” no fruto, mas apenas não comer dele. Vemos, nas palavras de Eva, uma distorção da ordem expressa pelo soberano, distorção essa que não podemos afirmar ser fruto da vontade de desobediência da mulher, do seu desejo de consumir o fruto, colocando em xeque a ordem dada, pois tal diferença talvez tenha sido causada por um eventual erro de Adão na transmissão da regra exposta diretamente a ele.

O fato é que, após isso, a serpente astutamente responde à Eva que comer do fruto daquela árvore não lhe causaria morte, mas sim proporcionaria conhecimento, tal qual Deus possuía (Gn. 3.4-5). A mulher então come do fruto, ao observar mais atentamente suas características que o faziam ainda mais desejoso; e oferta-o ao marido que participa da transgressão iniciada por ela. A respeito disso, frisamos o que o apóstolo Paulo explicitou em sua segunda carta aos Coríntios (11.3) e em sua primeira carta ao discípulo Timoteo (2.14), nas quais expõe a gravidade do erro cometido por Adão: enquanto Eva teria sido verdadeiramente manipulada, ludibriada e enganada pela serpente, Adão teria comido o fruto com total consciência da transgressão que estava cometendo.

Quanto à queda de Eva, é importante ressaltar a dualidade/ambiguidade presente não somente em sua constituição enquanto ser humano (presente também em Pandora, conforme veremos mais adiante), mas também nas ações, mesmo pecaminosas, partidas dela. John MacArthur explicita essa questão da seguinte maneira:

Observe os desejos naturais que contribuíram para a confusão de Eva: seus apetites naturais (parecia agradável ao paladar); sua sensibilidade estética (era atraente aos olhos), e sua curiosidade intelectual (desejável para dela se obter discernimento). Tudo isso consiste em impulsos bons, legítimos e saudáveis. (MacArthur, 2022, p. 34)

Conquanto os impulsos que a impeliram fossem bons, o objeto fonte de todos esses sentimentos e sensações era pecaminoso *per si*. Assim, percebemos a dualidade presente, mais uma vez, não somente na construção da narrativa como um todo (dia/noite; céu/terra; sol/lua...), mas na própria construção daquilo que motiva Eva a transgredir a lei. Mais um aspecto dessa dualidade é exposta por Kuyper (2021, p. 63). Segundo ele, em Eva “está oculta, como em um grão ou semente, toda a graça e independência de uma mulher, sua suscetibilidade a Satanás, mas também sua suscetibilidade à fé”, mais uma vez existe o contraponto e a possibilidade de Eva encarnar tanto o bem, o proveitoso, quanto o mal, vil e desprezível.

A narrativa progride para o seu final com a escusa de Adão e de Eva de assumirem os erros que cometeram. Ao perceberem que estavam nus⁶, fizeram para si vestes com folhas de figueira (Gn. 3. 7-8) e se esconderam de Deus, o qual sempre os visitava no virar do dia. Ao constatar o que os seres humanos haviam feito, o soberano chama, em primeiro lugar, Adão e o questiona; depois, confronta o que ouviu de Adão com o que Eva tem a lhe dizer e, por fim, não questiona à serpente, única das personagens que foi punida sem qualquer direito ao contraditório e esta, conforme o relato bíblico, também não tentou se justificar.

Neste ponto é preciso salientar que Adão não acusou Eva em primeiro lugar, mas sim o próprio Deus, tirando de sobre si a responsabilidade pelo erro cometido “A mulher que me **deste** por esposa, ela me deu da árvore e eu comi” (Gn. 3.12, grifo nosso). O que fica subentendido é que o sujeito da ação é desinencial (tu) e, neste caso, refere-se a Deus. Se este não a tivesse dado, ele não teria errado daquela forma; a mulher já não é mais objeto do louvor desse homem. O argumento de Adão é facilmente derrotado até mesmo sob o ponto de vista do Novo Testamento, o qual afirma no livro de Tiago (1.13-14) “Cada um, porém, é tentado

pela própria cobiça, sendo por ela arrastado e seduzido”; isto é, não foi Eva, a mulher dada a Deus para Adão (como um bem, vale lembrar) que o fez transgredir, mas a sua própria vontade de fazê-lo.

O castigo foi imposto em ordem inversa aos questionamentos; primeiro, Deus castiga a serpente, amaldiçoando-a e relegando-a a uma vida solitária frente aos outros animais e em atrito constante com os seres humanos, especialmente em relação à mulher; depois, o castigo do soberano é dirigido à Eva, a qual daria à luz com muitas dores de parto, além de que seus desejos agora seriam totalmente voltados para o homem, seu marido, e este os governaria. Por último, Deus dirige-se a Adão e o castiga sobremaneira, atribuindo a ele a responsabilidade de cuidar da terra, que não daria mais os alimentos com tanta facilidade: seria preciso prepará-la, ará-la, cuidá-la para que a vegetação não fosse suprimida pelos abrolhos e espinhos, os quais, aparentemente, sequer existiam antes da queda. Vale frisar que no tocante a relação entre Eva e a serpente, Deus sinaliza haver uma rivalidade duradoura entre elas, sendo essa extinguida com o surgimento de um descendente de Eva, o qual seria capaz de ferir a cabeça do animal (Gn. 3.15).

Nesse momento, a mulher tem seu nome mudado por Adão. Anteriormente chamada *varoa*, por ter sido tirada do varão, agora foi denominada *Eva*, por ser “mãe de todos os seres humanos” (Gn 3.20). À semelhança de Eva, Pandora, a primeira mulher na cultura grega, também é considerada a mulher da qual “descende a estirpe de mulheres femininas” (TEO., VII, 590), e a qual também cabe a primordial culpa pelos males que assolam a humanidade.

3 Pandora e a formação da primeira mulher para a sociedade grega

3.1 Mito e contexto da narrativa: como surgiu Pandora

Os mitos sempre desenvolveram, nas sociedades em que estiveram presente, funções extremamente importantes. De acordo com Mircea Eliade (2019, p. 23), o mito não se destina a satisfazer apenas curiosidades científicas, mas se configura como: “[...] uma narrativa que faz reviver uma realidade primeva, que satisfaz a profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social, e mesmo a exigências práticas”. Assim, pode ser encarado como “uma usina produtora de sentido” (Colombani, 2019, p. 4).

Portanto, durante séculos, as sociedades, dentre elas a grega, fizeram uso de mitologia para explicar fenômenos naturais, científicos, mas também para sedimentar os tecidos culturais, religiosos, políticos, sociais que regiam aquela sociedade específica. A narração tratada neste artigo é formada pela junção de dois mitos: o de Prometeu e o da Criação da Mulher ou, simplesmente, Pandora. Nas obras de Hesíodo, ambos aparecem juntos, sendo um consequência do outro.

Conquanto existam referências fragmentadas sobre Prometeu em outros pensadores antigos, é em Hesíodo que ele primeiramente se apresenta de forma aprofundada, questão que vai ser novamente apresentada na peça teatral de Ésquilo (*Prometeu Acorrentado*), dois séculos depois. Sócrates também falará dele no mesmo século de Ésquilo (V a.C.) e Platão já no século IV a.C. Assim, fica claro que Hesíodo é o maior referencial (e primordial) no tocante ao mito de Prometeu e da criação de Pandora, por isso foi o autor escolhido para o aprofundamento da análise dessa personagem mitológica.

Prometeu foi filho de um dos 12 titãs filho de Urano, o Jápeto. Ele tinha outros 3 irmãos: Atlas, Epimeteu e Menécio. Prometeu é adjetivado por Hesíodo como artificioso e astuto. Epimeteu, seu irmão que também aparece como figura central do mito de Pandora, foi alcunhado de estúpido e carrega consigo o peso de ter trazido males aos homens. Conta Hesíodo em suas duas famosas obras, *Teogonia* e em *Os trabalhos e os dias*, que na época do conflito dos homens em Mecona (outro nome para Peloponeso), Prometeu agiu com astúcia e irreverência para com Zeus, nitidamente afrontando a autoridade que este gozava.

Segundo Hesíodo, Prometeu teria oferecido um grande boi ao deus com a intenção de enganá-lo. Mas Zeus conhecia os desígnios eternos e já estava ciente das intenções de Prometeu. Por isso, o deus, em seu íntimo, já previa os males que sobreviriam aos seres humanos:

[...] Zeus, conhecedor dos desígnios imortais,
Soube e não ignorava o engano; mas antevia em seu espírito males.
Aos homens mortais, aos quais deveriam se realizar.
Com ambas as mãos apanhou a branca gordura.
Irritou-se em seu íntimo, a cólera alcançou-lhe o espírito,
Quando viu os ossos do boi sob a astúcia enganadora.
Desde então, a estirpe dos homens sobre a terra aos imortais
Queimam brancos ossos nos olorosos altares.
E àquele disse Zeus cumulador de nuvens, grandemente indignado:

‘Filho de Jápeto, de tudo conhecedor dos desígnios,
Ó amável, não esqueceste de tua astúcia enganadora’

(TEO., VII, 550-560)

De acordo com Hesíodo, o filho de Jápeto teria roubado a chama de fogo e a escondido no oco de uma árvore; isso desencadeou um sentimento de revolta em Zeus, pois era uma clara ofensa à autoridade deste. Por isso, “em troca do fogo, preparou um mal para os homens” (TEO., VII, 565-570).

O castigo recebido exclusivamente por Prometeu está detalhado nas duas obras citadas anteriormente. O autor começa a sua narração acerca da vida de Prometeu pelo seu final — contando que o titã foi acorrentado e teve suas entranhas devoradas todos os dias por uma grande ave. Hesíodo afirma, ainda, que Hércules teria sido o herói responsável por livrar Prometeu daquele martírio (TEO., VII, 521-534).

Como parte deste castigo, Pandora, a primeira mulher, é criada a partir da junção de barro e água. Ela teria sido a punição à humanidade em decorrência do roubo do fogo. Mais uma vez, por causa das más ações de Prometeu, os humanos, de modo geral, sofreram. O relato acerca de Pandora é curto, ocupando apenas cerca de três páginas das 118 páginas da *Teogonia*; e ocupando cerca de duas páginas, das 31 páginas de *Os trabalhos e os dias* (a depender da edição e da tradução). Apesar disso, encerra visões profundas acerca de como a mulher era percebida naquela sociedade e proporciona denso material para iniciar comparações com o modo como outras mulheres eram concebidas nos relatos míticos/religiosos de outros povos e culturas.

3.2 Pandora de Hesíodo, em *Teogonia* e em *Os trabalhos e os dias*

Hesíodo trata a criação da mulher como um mal que acomete o homem em dose dupla: um, em razão da própria natureza feminina; e o outro em razão do mal que dela advém pela necessidade do casamento, do qual o homem não pode fugir. Esta mulher teria sido fabricada pessoalmente por deuses selecionados pelo grande Zeus. Pandora teria sido modelada a partir da terra (argila) por Hefesto, “o ilustre Coxo”. Os demais deuses teriam feito suas contribuições também: Atena, deusa de “olhos glaucos”, cingiu a mulher recém-fabricada e a enfeitou com um alvo vestido branco, cobriu sua cabeça com um véu bordado pelas mãos da própria deusa.

Não obstante, Pandora ainda recebeu uma coroa de ouro confeccionada manualmente por Hefesto (TEO., VII, 570-580).

De acordo com o poeta, a primeira mulher, Pandora, é a matriz de toda uma descendência funesta de mulheres, capaz de trazer inúmeros sofrimentos aos homens. Pois, essas não são “afeitas à funesta pobreza, mas à saciedade” (TEO., VII, 590-600) e:

Assim como quando nas colmeias abobadas, as abelhas
Alimentam os zangões, agregados a más obras;
Aquelas, durante todo o dia, até o sol se pôr,
Diurnas, trabalham e produzem os brancos favos de mel,
Enquanto aqueles aguardam dentro, sob abrigo da colmeia,
E recolhem em seu ventre o esforço alheio;
Assim como mal para os homens mortais, as mulheres
Fez Zeus tonitruante, agregadas a obras terríveis

(TEO., VII, 590-600)

A mulher é descrita por Hesíodo como “agregada a obras terríveis” (TEO., VII, 600-605). Não suficiente, o autor descreve o matrimônio como parte dessa punição (TEO., VII, 600-610). O desdobramento dessa punição indireta (a criação da primeira mulher) é também um segundo mal em retribuição ao feito de Prometeu. Nas palavras do próprio poeta:

Outro mal lhes concebeu em troca de um bem:
Aquele que, fugindo do matrimônio e das inquietantes obras das mulheres,
Não desejar se casar, alcança a funesta velhice,
Carente de auxílio, este com alimento insuficiente não
Viverá, mas, ao morrer, repartirão suas posses
Parentes afastados. Àquele que o fado do matrimônio alcança
E consegue ter uma esposa sensata e adornada de sabedoria,
Este, durante toda a vida, o mal se equivale ao bem
Constantemente. A quem sobrevir uma de funesta raça,
Vive incessante aflição no peito, No espírito e no coração; e seu mal é incurável
(TEO., VII, 600-610)

Em *Os trabalhos e os dias*, Hesíodo detalha ainda mais as características físicas de Pandora. Ela teria sido formada da mistura de água com terra e teria recebido voz e força humanas, além disso, assemelhava-se às deusas em seu aspecto virginal, encantador e belo. Quanto à distribuição de “presentes” dados à Pandora pelos deuses, nessa outra versão, Hesíodo afirma que Atenas a ensinaria os “intricados trabalhos de tecelagem”, enquanto Afrodite derramaria sobre sua cabeça “a graciosidade, o cruel desejo e os encantos que esgotam os membros”. A Hermes, alcunhado por Hesíodo como *argifonte*, coube dar a Pandora um “espírito cínico e um caráter dissimulado” (TRAB. DIAS., VII, 60-69).

A fim de apreender todo o sentido da descrição que é feita acerca da formação de Pandora, é imprescindível atermo-nos à integridade do relato feito por Hesíodo:

Rapidamente, o ilustre Pés-tortos modelou da terra, como havia sido ordenado pelo Crônida, imagem semelhante a uma casta jovem, que foi cingida e adornada por Atena, a de olhos brilhantes. As Cárites e a soberana Peito colocaram em torno de seu pescoço colares de ouro. As Horas, de belas cabeleiras, a coroaram com flores da primavera. Palas Atena enfeitou seu corpo com toda espécie de adorno, e, então, o mensageiro Argifonte engendrou em seu peito mentiras, palavras sedutoras e um caráter dissimulado, por vontade de Zeus, o que estrondosamente ressoa. O arauto dos deuses infundiu-lhe a fala e deu a essa mulher o nome Pandora – porque todos os que habitam as moradas olímpicas concederam-lhe um dom –, desgraça para os homens que se alimentam de pão (TRAB. DIAS., VII, 70-85).

Após todas essas considerações, o poeta afirma que Pandora foi levada por Hermes e entregue a Epimeteu como um presente dos deuses. Este, sem levar em conta o que Prometeu já havia lhe dito sobre receber mimos de Zeus, recebeu de bom grado o presente e só depois de sofrer com o mal lhe dado é que compreendeu (TRAB. DIAS., VII, 86-89).

Ainda segundo os relatos hesiódicos, antes da chegada de Pandora a terra, aquela raça de humanos vivia livre das pragas, dos trabalhos pesados e até mesmo de doenças mortais. Não sendo o bastante, Pandora foi associada ao surgimento de todos esses males, e por conseguinte, da miséria. Isso porque, ao erguer a tampa do jarro que portava, “espalhou com suas mãos todos os males e trouxe para os homens tristes pesares”; restou lá dentro do jarro apenas a Esperança, a qual continuou presa “por vontade do portador da Égide, Zeus” (TRAB. DIAS., VII, 90-99).

Laffer (2006, p. 66), interpreta o vaso trazido por Pandora como uma metáfora dela própria: sua criação foi similar à do processo de fabricação de um jarro; Ela foi feita do barro, moldada, composta e adornada pelos deuses e é utilizada como uma espécie de “depósito” dos atributos divinais, tal como o jarro o é, depositando, no entanto, não o bem dos deuses, mas os males. Em suma, conforme asseveram Silva e Andrade (2009, p. 325):

Nas narrativas da *Teogonia* (vv.570-612) e de *Os Trabalhos e os Dias* (vv.55-82), a (mulher) é uma *bela e deleitável forma de virgem*, apresentada aos deuses e aos homens que se espantam ao ver a maravilha que foi criada. Mas essa maravilha é a contrapartida de um roubo, portanto, contrapartida de um dolo. Pelo fogo (roubado), — nasce a primeira mulher (ardil incombátil). É com essa geração das femininas mulheres que a condição humana é selada na *Teogonia*. Em *Os Trabalhos e os Dias*, a condição humana se define quando

Pandora — que agora tem um nome — abre a tampa de um jarro, liberando as penas, as dores, os pesares.

Assim, Pandora em sua essência foi criada com o objetivo de ser um mal, de levar o mal e de proporcionar as desgraças das quais a humanidade participa durante toda a vida, sendo, portanto, não uma dádiva, mas uma armadilha para os homens (Silva; Andrade, 2009, p. 328). Em Pandora, embora haja elementos graciosos que lembram os aspectos das divindades, há a corrupção desses símbolos que, outrora representantes do bem, camuflam os males.

4 Uma análise de Eva e Pandora sob a perspectiva de literatura comparada

Com base nos pensamentos formulados por Marcel Detienne, ao se compreender o papel do comparativista, entende-se também o que o move. Segundo ele (2004, p. 56), o “comparativista tem o sentimento de descobrir um conjunto de possíveis, cuja amoedação conceitual mostra elementos singulares e constitutivos de arranjos diversamente configurados”. Daí advém a percepção de ser, por meio da literatura comparada e do exercício comparativo, possível identificar diferenças e semelhanças características de uma mesma época ou de épocas diferentes; bem como entre autores diferentes em diferentes épocas sobre um mesmo assunto ou, ainda, perceber semelhanças e nuances entre pensadores diferentes em épocas diferentes em sociedades diferentes.

Em conformidade com o próprio Dietienne (2004, p. 66), “há um valor ético da atividade comparativa [...] é que ela convida a pôr em perspectiva os valores e as escolhas da sociedade [...]”. Por isso, é importante considerar comparar o incomparável. Nesse sentido, torna-se bastante profícua a comparação entre Eva, cuja narração está datada mais ou menos no século XV a.C., e Pandora, cuja narração situa-se entre os séculos VI e VII a.C., ambas em sociedades diferentes uma das outras, com culturas diversas e percepções quanto ao plano divino variadas e complexas.

John MacArthur afirma que Eva não pode ser considerada inferior ou superior a adão sob o ponto de vista de sua forma física, mas igual e equivalente, já que dele foi retirada; guardando apenas poucas diferenças, especialmente em relação às funções distintas que desempenhavam. Nesse viés, “ela é a cópia perfeita do homem, a mesma carne e ossos e a imagem de Deus exatamente como ele; igual a ele em tudo e está inseparavelmente ligada a

ele através do próprio ato da criação” (MacArthur, 2022, p. 28). Além disso, vale frisar, ambos foram formados à imagem e semelhança de Deus. Semelhantemente, Pandora também é criada à imagem e semelhança: senão do homem e de um deus único (ou trino), das deusas, já que a aparência física de Pandora lembrava as afeições virginais e encantadoras das divindades femininas.

Em relação ao processo de tentação de Eva, esta não foi impelida a desobedecer simplesmente por desobedecer ou com a finalidade de contrariar as ordens divinas, mas, em última análise, quis agir por conta própria a fim de possuir tudo o que efetivamente desejou naquele momento: o conhecimento. Como descendente dela, toda mulher carrega suas semelhanças. Essa questão também se apresenta no mito de Pandora, uma vez que esta abriu o jarro não pelo prazer de transgredir, antes porque estava desejosa de conhecer o que havia dentro. Em suma, ambas cometeram o mesmo pecado: transgredir para conhecer.

Enquanto em Pandora não percebemos um aspecto especificamente redentor (até porque ela foi criada para aquela finalidade específica), não tendo esta, até onde se sabe em Hesíodo, tendo contado nem com a justiça nem com a misericórdia por parte de Zeus, Eva teve acesso a dois comportamentos distintos por parte da divindade. Um, o da punição pela transgressão cometida, mesmo em face do alerta dado a Deus diretamente por meio de Adão; e o outro, o cuidado e a providência em relação não somente ao seu presente (ao cobri-la com a pele do animal sacrificado), mas também ao seu futuro, ao proporcionar a ela a possibilidade de salvação por meio de um descendente seu.

Em relação à redenção por meio de um ente externo à narrativa, é possível perceber a presença do elemento redentor em ambas as histórias, pelo menos indiretamente no caso que envolve Pandora. Em Eva, percebemos o ente salvífico na figura messiânica de Jesus Cristo, encarado como o Filho Unigênito de Deus e único capaz de salvar a humanidade da transgressão cometida por Adão e Eva no Éden. Já na mitologia grega, esse caráter é apresentado no mito de Prometeu, do qual fazem parte as narrações sobre Pandora, em que o único autorizado a salvar Prometeu do seu martírio eterno é Herácles, o mortal filho de Zeus.

Como podemos perceber pela análise tecida até aqui, a comparação não deve partir do pressuposto de que somente semelhanças devem ser percebidas entre um texto e outro, mas também suas diferenças. Assim, notamos que enquanto Pandora já foi criada como um mal e

para perdição dos homens, Eva foi criada como um bem, portanto sua condição original proporcionava harmonia e equilíbrio a Adão e a toda a vida à sua volta, no Éden. Embora Pandora já tivesse nascido para “fazer o mal”, Eva conta com um cenário diferente: teria nascido para “fazer o bem”. Pandora, cumpriu perfeitamente sua atribuição; Eva decaiu nela. Por causa do comportamento desta última, todas as mulheres teriam agora “a pecaminosa tendência de desrespeitar o papel de liderança do homem e este teria a pecaminosa tendência de abusar de sua autoridade, e até de oprimir a mulher” (MacArthur, 2022, p. 13).

Outra diferença perceptível na intenção da criação de ambas as mulheres é quanto o aspecto da igualdade; enquanto Pandora deveria trazer apenas malefícios, eventualmente trazendo um benefício (sendo sábia, e sensata no casamento, caso em que o “mal” (mulher) se equivaleria a um bem), Eva deveria trazer apenas benefícios: seria igual a Adão em essência, pois dele foi tirada; possuiriam a mesma natureza compartilhada; além disso, não foi feita simplesmente para servi-lo, mas para dominar junto com ele (Gn. 1.28); também, salienta MacArthur (2022), que ela era a correspondente de Adão em seus aspectos espirituais e intelectuais, além de, em todos os sentidos, ser sua parceira e companheira ideal (p. 27). Apesar disso, no entanto, o autor frisa haver ali uma hierarquia pré-estabelecida antecedente à queda. Essa mesma visão é compartilhada por outros autores (Silva; Andrade, p. 338). No mito de Pandora não é possível perceber um papel muito amplo da mulher, aparentemente em Hesíodo ela deveria ser apenas uma dona de casa, que “devoraria” os bens e alimentos trazidos por seu marido (TEO, VII, 590-600).

De igual modo ao que ocorre no livro de Gênesis, os castigos dados por Zeus também são castigos em troca “de um bem”. No caso da narração judaico-cristã, o bem era o Paraíso; no caso de Prometeu e Pandora, o bem era o fogo. E em ambos os casos, ambas carregavam em si a possibilidade do bem. Em Pandora, o bem seria não levantar a tampa do jarro e conhecer o que ali dentro havia; no caso de Eva, o bem seria cumprir as ordens divinas e não comer o fruto proibido.

Outra diferença bastante característica entre Eva e Pandora é a sua descrição. Em Gênesis, não são descritos o caráter ou personalidade ou humor de Eva, enquanto em *Os trabalhos e os dias* descrevem-se não somente uma forma (*eidos*), mas também um humor

(*ethos*) de Pandora. Além dos aspectos já elencados, corroboramos a percepção de Jesus (2010, p. 11), segundo a qual:

A criação da mulher tanto na visão hebraico-cristã quanto na mitologia grega participou da necessidade do trabalho e resultou no distanciamento homem-divindade. Esse rompimento marca o início de uma nova era fora do Paraíso, início do trabalho, das desavenças, do progresso, das violências, da corrupção, da história das gerações contadas na *Bíblia*.

Por fim, frisamos que tanto Eva quanto Pandora foram revestidas de cuidado pelos deuses. Eva, como já dito anteriormente, teve sua pele coberta por pele de animais, como modo de proteger sua nudez; Pandora, teve sua cabeça coberta por um véu e também por uma coroa de ouro. Ambas receberam esse cuidado especial, sendo diferenciado apenas o local que lhes foi tampado. Isso, inclusive, pode ensejar novas e futuras discussões.

5 Considerações finais

Eva e Pandora ensejam discussões extensas sob diversos prismas: sexualidade, gênero, religião, cultura, e muito mais. Um estudo tão curto não poderia abarcar toda a complexidade que essas narrativas englobam. Por meio desta análise, foi possível perceber algumas nuances e similaridades entre as narrações.

Diante deste breve estudo, gostaríamos de enfatizar que aqui não se pretendeu dizer que Adão é Prometeu ou que Eva é Pandora, pelo contrário. Ambas as narrativas assinalam as enormes diferenças entre dois povos distintos, duas culturas diferentes e dois tempos em particulares. Ambas, porém, têm seu valor como literatura nos determinados contextos em que estiveram e estão inseridas, devendo, portanto, ser respeitadas e analisadas com base nisso.

Também não é nossa intenção fazer qualquer juízo de valor ou emitir opiniões sobre tal narração ser mais verídica, provável ou melhor. Frisamos ser a nossa intenção permitir tecer comparações sadias entre autores, épocas, culturas, sociedades, religiões distintas a fim de que o conhecimento de mundo do leitor (e o nosso!) possa ser ampliado.

Referências

ALMERDING *et al.* O primeiro livro de Moisés chamado Gênesis. In: ALMERDING *et al.* **Bíblia de Estudo de Genebra**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

COLOMBANI, M. C. As Khárites: Em torno do poder feminino. Saber e Linhagem. **Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 196-212, 2019. <https://doi.org/10.34024/herodoto.2019.v4.10111>

DETIENNE, M. **Comparar o incomparável**. Trad. de Ivo Storniolo. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2004.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Estudo e trad. de JAA Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

HESÍODO. **Teogonia**. Trad. de Henry Bugalho. Curitiba: Kotter editorial, 2020.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Introd., trad. e notas de Alessandro Rolim de Moura. Curitiba: Segesta, 2012.

JESUS, E. Z. O possível entrelaçar do eterno mito feminino: Eva e Lilith em Pandora. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/download/35418/38137/41709#:~:text=Entrela%C3%A7ando%20os%20Mitos&text=Eva%20%C3%A9%20criada%20com%20intuito,o%20fogo%20roubado%20dos%20deuses>. Acesso em: 12 jun. 2024.

KUYPER, A. **Mulheres da Bíblia**. Londrina: Famílias Cristãs, 2021.

LAFER, M. C. N. Introdução, tradução e comentários. *In*: HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**: primeira parte. 5. ed. São Paulo: Iluminuras, 2006.

MACARTHUR, J. O primeiro livro de Moisés chamado Gênesis. *In*: MACARTHUR, J. **Bíblia de Estudo MacArthur**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

MACARTHUR, J. **Doze mulheres extraordinariamente comuns**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

MATTALLO JUNIOR, H. Mito, metafísica, ciência e verdade. *In*: CARVALHO, M. C. M. (org). **Construindo o Saber**: metodologia científica, fundamentos e técnicas. 15. ed. Campinas: Papyrus, 2003. p. 29-37.

PATTERSON, D. K. O primeiro livro de Moisés chamado Gênesis. *In*: PATTERSON, D. K. **Bíblia de Estudo da Mulher**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

SILVA, A. C. L. F.; ANDRADE, M. M. Mito e gênero: Pandora e Eva em perspectiva histórica comparada. **Cadernos Pagu**, n. 33, p. 313-342, jul. 2009. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332009000200012>

Recebido em: 20.06.2024

Aprovado em: 11.12.2024